

A culpa morre solteira

Houve aplausos na Assembleia Geral quando Rui Costa prometeu "tolerância zero" a Pedro Proença e ao Conselho de Arbitragem. Merecidos? Em parte. Mas fiquei com a sensação de que, em dois assuntos centrais, o presidente escolheu o caminho confortável: bater onde as palmas são fáceis e calar-se onde a mudança custaria.

Começemos pela arbitragem. Rui Costa não se justificou da época com os erros – bem – mas apontou-os como "um dos motivos", prometeu intransigência e exigiu que lhe expliquem a saída de Duarte Gomes. Tudo legítimo. Só que é tudo dentro da mesma casa: queixar-se ao Conselho de Arbitragem, pedir contas ao Conselho de Arbitragem, prometer dureza com o Conselho de Arbitragem. Como escrevi aqui há uma semana, o problema não é a malícia, é o desenho. Quem nomeia, avalia e pune os árbitros é a mesma Federação. É juiz e parte. "Tolerância zero" contra um sistema que se julga a si próprio é energia gasta a empurrar uma parede. O que falta – uma avaliação independente, de fora – não saiu da boca do presidente. Ficou-se pela indignação que rende palmas e não muda nada.

O segundo assunto é o nosso cemitério de treinadores. "Foram seis treinadores em cinco anos", admitiu Rui Costa, quase como quem lê a meteorologia. Desde Schmidt, cada época falhada queima um nome no banco. O treinador é o fusível: rebenta, troca-se e a corrente segue igual. Porque por cima do fusível está toda uma estrutura de futebol – "scouting, estrutura do futebol e equipa técnica", nas suas palavras – que atravessa intacta todos os fracassos. E foi o próprio presidente a confessar onde se falhou primeiro: "não houve impacto das aquisições", admitiu, falhámos "em muitas avaliações". Ora, quem avalia, quem recruta, quem aprova as contratações não é o treinador. Mas, no fim de cada época, é o treinador quem paga a conta.

E aqui fala o economista: numa organização sã, o falhanço repetido tem um dono com nome. No Benfica, não tem. Rui Costa assume "completamente" a responsabilidade no abstrato e, no concreto, despacha-a para baixo – "não sou treinador", "o treinador é que tem de escolher jogadores". A culpa, no fim, morre solteira. Demite-se o técnico, mantém-se a estrutura, repete-se a época.

São dois problemas, mas a doença é a mesma: responsabilidade difusa, protegida pelo desenho. Lá fora, a Federação julga-se a si própria; cá dentro, uma estrutura de futebol sem dono claro. Em ambos, falha-se sem que ninguém, no topo, pague.

Marco Silva merece melhor do que ser mais um fusível. E os sócios mereciam que a próxima época começasse não por outro "não podemos falhar", mas por dizer, enfim, quem responde quando se falha.